

the 1990s, the number of people in the UK who are employed in the public sector has increased from 10.5 million to 12.5 million (12% of the population).

There are a number of reasons for this increase. One is that the public sector has become a more important part of the economy. Another is that the public sector has become more efficient. A third is that the public sector has become more attractive to workers. A fourth is that the public sector has become more diverse.

The public sector is now a more important part of the economy. It is now a more efficient part of the economy. It is now a more attractive part of the economy. It is now a more diverse part of the economy.

The public sector is now a more important part of the economy. It is now a more efficient part of the economy. It is now a more attractive part of the economy. It is now a more diverse part of the economy.

The public sector is now a more important part of the economy. It is now a more efficient part of the economy. It is now a more attractive part of the economy. It is now a more diverse part of the economy.

The public sector is now a more important part of the economy. It is now a more efficient part of the economy. It is now a more attractive part of the economy. It is now a more diverse part of the economy.

The public sector is now a more important part of the economy. It is now a more efficient part of the economy. It is now a more attractive part of the economy. It is now a more diverse part of the economy.

The public sector is now a more important part of the economy. It is now a more efficient part of the economy. It is now a more attractive part of the economy. It is now a more diverse part of the economy.

The public sector is now a more important part of the economy. It is now a more efficient part of the economy. It is now a more attractive part of the economy. It is now a more diverse part of the economy.

The public sector is now a more important part of the economy. It is now a more efficient part of the economy. It is now a more attractive part of the economy. It is now a more diverse part of the economy.

The first part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions. It emphasizes that every receipt, invoice, and bill should be properly filed and indexed for easy retrieval. This not only helps in tracking expenses but also ensures compliance with tax regulations.

Next, the document outlines the process of reconciling bank statements with the company's financial records. It stresses the need to identify and resolve any discrepancies as soon as they are noticed to prevent errors from compounding over time.

The following section covers the preparation of financial statements, including the balance sheet, income statement, and cash flow statement. It provides a step-by-step guide on how to gather the necessary data and calculate the various components of these statements.

Finally, the document concludes with a summary of key points and a reminder to consult with a professional accountant for more detailed advice. It encourages a proactive approach to financial management to ensure the long-term success of the business.

VIAGENS

ASSIA



Cordoc

moso

Aquesta caravan de sarra para

Fusia

Facion

los montes de sb
en me x los gran
fubn, G-dal:-

camell

Fusia

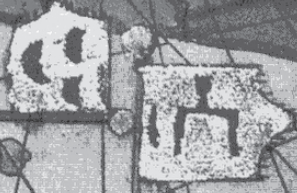
Fusia

Facia



uana es partidade l'imp'i
anar adratayo

força q' aquells qui se
posen p' r'ca v'na fern
apelada lay i' m'agualo
ch' m' r'ncas i' r'ncas p' r'
uam dia 2 i' m' r'ncas
a a' f' m' r'ncas de dia
abasta de l' on C' p' r'
ut cavalant als l' r'
q' l' r' los a' r'ncas
u' r'ncas de l' r'
a quo' nonne ne
l' l' m' r'ncas tam
a os f' r'ncas q' null
r' r'ncas de l' r'



febur

farbain

castel de carmoro

pa

Marco Polo

VIAGENS

Tradução
Maria João Lourenço

Prefácio
Gonçalo Cadilhe

CLU
BEI
AUT
OR

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.

© da edição, 2018, Clube do Autor, S. A.
Direitos para esta edição:
Clube do Autor, S. A.
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 - 6.º
1050-019 Lisboa, Portugal
Tel.: 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21
info@clubedoautor.pt

Título original: *Il Milione*
Autor: Marco Polo
Tradução: Maria João Lourenço
Revisão: Rui Augusto
Paginação: Maria João Gomes,
em caracteres Revival
Impressão: Multitipo – Artes Gráficas, Lda. (Portugal)

ISBN: 978-989-724-376-9
Depósito legal: 442 265/18
1.ª edição: Julho, 2018

www.clubedoautor.pt

UM LIVRO QUE MUDOU O MUNDO

Se fizermos o exercício de pensar em apenas um objecto que simbolize o arranque dos Descobrimentos, o fim da Idade Média, o domínio do Ocidente e a globalização, podemos concluir, sem margem para muita contestação, que esse objecto é o livro que hoje o leitor tem nas mãos. Efectivamente, este é um dos livros mais importantes e denso de consequências de toda a História moderna.

Já no seu leito de morte, Marco Polo continuava a ser assediado pelos amigos para que confessasse que nunca tinha feito a viagem que descrevia no seu livro. Terá respondido, pela última vez: «Ficou por contar mais de metade do que vi e vivi.» Com o passar dos séculos, as dúvidas e a perplexidade sobre o livro de Marco Polo foram crescendo em paralelo com a capacidade de libertar

PREFÁCIO

a imaginação e o desejo de errância em todos os leitores que o leram. Sou um deles. Tive, porém, a felicidade de não só ler o livro, mas, em diferentes ocasiões, de visitar algumas das cidades, percorrer alguns dos itinerários e contactar alguns dos povos que ele descreve.

Tentar repetir os passos de Marco Polo, no entanto, é um exercício fútil e anacrónico. Não olhamos hoje para o mundo da mesma forma que um mercador veneziano da Idade Média. Para nós, as estradas são lineares, os mapas têm escalas, os tempos de percurso são definidos com precisão analítica. Marco Polo descreve um mundo onde os mitos, as superstições e as incertezas ultrapassam em muito as verdades acertadas e os fenómenos explicados. As informações relativas às distâncias e à posição relativa entre cada lugar partem de uma condição que hoje nos é difícil repetir e sobretudo conceptualizar: a ausência de conhecimento do globo. Para mim, a indefinição que envolve o itinerário e a localização de algumas etapas da viagem de Marco Polo é um dos maiores atractivos do livro.

Não é provável que o mistério desse emaranhado venha algum dia a ser resolvido pela simples razão atrás sublinhada: conceptualmente, o livro não tenta apresentar a progressão de uma viagem, mas um conjunto de saberes adquiridos a viajar.

* * *

Marco Polo nasceu por volta do ano 1254 numa família de comerciantes venezianos cujas origens nobres lhes permitiam efectuar a sua actividade em terras estrangeiras. Os irmãos Nicolau e Mateus Polo, respectivamente o pai e o tio de Marco, iniciaram a sua primeira grande viagem pela Ásia em 1260, tendo percorrido parte dos actuais territórios do Cazaquistão, do Azerbaijão, da Mongólia e, particularmente, visitado as cidades de Bucara e Samarcanda no Usbequistão. Foram recebidos pelo imperador mongólico da China, Kublai Khan, que os tratou com grande cordialidade e interesse e os colocou entre os seus homens de confiança.

Kublai, neto do conquistador Gengis Khan, herdara o império terrestre mais extenso da História, e mudara-lhe a capital das estepes da Mongólia para a actual cidade chinesa de Pequim. Pela primeira vez, um só homem governava desde o Pacífico até ao Mediterrâneo, ao mar Negro e ao golfo Pérsico. Fontes coevas europeias e orientais descrevem-no como inteligente, tolerante e decidido. O desenvolvimento que a agricultura, a circulação monetária e o comércio conheceram durante o seu reinado, e o peso que a actividade diplomática exerceu na sua forma de actuação, revelam um grande estadista.

Quando, em 1271, surge aos dois irmãos Polo a oportunidade de regressar a Veneza, encontram Marco órfão de mãe e precocemente maturo. A missão que o Khan tinha dado aos dois venezianos — estabelecer relações diplomáticas entre a Igreja e o Império

Mongólico — não é levada a cabo: a complicada sucessão do papa Clemente IV distrai a Santa Sé da importância desta embaixada.

Não obstante este contratempo, os Polo decidem retornar à corte de Kublai Khan. Acompanha-os Marco. Cumpre-se assim um destino que, tal como explicará muitos anos depois no prólogo do seu livro, «desde que Deus criou Adão nosso primeiro pai até ao dia de hoje, [...] nem cristão nem pagão, sarraceno ou tártaro, nem nenhum homem de nenhuma geração viu nem descobriu».

Entre o imperador dos Tártaros e o jovem veneziano estabelece-se uma relação profunda de amizade e confiança. Kublai encarrega o ocidental, durante os dezasseis anos em que este permanece na corte mongólica, de diversas missões de estado na China, na Mongólia, na Indochina, nomeia-o seu agente no governo de algumas províncias, envia-o como seu embaixador pessoal à Índia, ao Tibete e à Birmânia (actual Myanmar).

Marco Polo viaja, assim, por terras onde nenhum ocidental se aventurara antes. Com a «Pax Mongólica» imposta em toda a Ásia, comerciantes, missionários e viajantes descobriam um mundo novo em completa segurança. Os franciscanos Willem van Rubroek e Giovanni da Pian del Carpine regressavam do Oriente com relatórios detalhados das suas missões. Dizia-se então que uma virgem coberta de ouro podia viajar sozinha das margens do mar da China às margens do mar Cáspio em completa segurança.

Com a morte de Kublai desaparece também o Império e a estabilidade continental que ele consentia. Muitos dos lugares descritos por Marco Polo, tais como as montanhas do Pamir e dos Himalaias, os desertos de Gobi e do Taklamakan, ou as neves da Sibéria, só serão redescobertos ou visitados por europeus no século XIX.

Embora não restem dúvidas quanto à autoria do livro, são muitas as interrogações que ficam por responder sobre outros aspectos da obra. Quase certamente terá sido ditado a Rusticiano de Pisa, um companheiro de cela, nas masmorras de Génova, onde ambos se encontravam como prisioneiros de guerra, em 1295 ou nos anos seguintes. Rusticiano era um autor de romances de cavalaria com alguma notoriedade e o estilo narrativo do livro pertence mais ao escritor do que ao viajante.

Este texto original perdeu-se no tempo, mas existem dezenas de cópias e traduções espalhadas por toda a Europa, publicadas nas décadas a seguir à realização do livro, variando, de facto, muito entre si — o que torna ainda mais complicado deslindar o que terá sido a narrativa original da viagem e o que será fruto da fantasia do escriba e de posteriores copistas e tradutores.

O próprio título é fonte de mistério. Conhecido vulgarmente como «Il Milione», em português «O Milhão», é pouco provável que tenha sido esta a designação adoptada por Marco Polo ou Rusticiano. São várias as hipóteses para a existência deste título. Ou porque descrevia

PREFÁCIO

milhares de maravilhas do mundo, um milhão delas. Ou porque a família de Marco Polo também tinha o apelido «Emilione», e por contração de um possível título «Livro de Marco Polo chamado Emilione», ficou o título «Milione». Ou porque Marco percorreu milhares de milhas, e assim teríamos o «milhão» como múltiplo dessas milhas.

Escrito num estilo ligeiro e elegante, o «Livro de Marco Polo, cidadão de Veneza, dito o Milhão, onde se conta as maravilhas do Mundo», teve uma divulgação exponencial pelas cortes europeias. A sua colorida descrição da geografia, dos produtos naturais, dos costumes e das gentes de um continente na altura desconhecido, influenciou decisivamente o futuro da Europa. Papas e reis leram o livro atentamente, Colombo inspirou-se nele para a sua teoria sobre as rotas de navegação atlântica, e a própria república de Veneza ofereceu um precioso exemplar ao infante D. Henrique. O resto da história sabemos bem como foi.*

Gonçalo Cadilhe
Abril de 2018

* A pedido do autor, o presente texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico. (N. do E.)

LIVRO I

Nesta primeira parte Marco Polo descreve-nos as regiões que visita durante a longa viagem de mais de três anos desde a Europa até à China. De Veneza seguem para S. João de Acre, hoje em Israel, e contornando o litoral do Mediterrâneo pelos actuais territórios do Iraque e da Síria avançam pela Turquia Oriental e Arménia, Irão e norte do Afeganistão até encontrarem a formidável barreira do Pamir. Uma vez ultrapassada a cadeia montanhosa, atravessam o deserto de Gobi alcançando por fim a China propriamente dita.

GC

1

Senhores imperadores, reis, duques, marqueses, condes e cavaleiros e demais gentes que desejam conhecer as diferentes raças de povos e a diversidade das regiões do mundo, aqui tendes este livro, no qual encontrareis as grandes maravilhas e curiosidades dos povos da Arménia, da Pérsia, da Índia e da Tartária, e de várias outras províncias. Isto mesmo vos dará a conhecer com grande rigor o senhor Marco Polo, sábio e nobre cidadão de Veneza, que narra tudo neste livro tal como os seus olhos viram. Encontrareis aqui ainda coisas que não viu, mas ouviu de pessoas dignas de fé, e assim dará as coisas vistas como vistas e as ouvidas como ouvidas, para que o nosso livro resulte verdadeiro e sem nenhuma mentira.

Desde que Deus criou Adão nosso primeiro pai até ao dia de hoje, saibam que nem cristão nem pagão, sarraceno ou tártaro, nem nenhum homem de nenhuma

geração viu nem descobriu tantas coisas maravilhosas do mundo como fez o senhor Marco Polo. Por isso, cuidou que seria grande desventura se não registasse por escrito todas as maravilhas que viu, para que quem não sabe as conheça através deste livro.

Digo-vos ainda que, para se inteirar disso, viveu naqueles países durante mais de vinte e seis anos. E, encontrando-se na prisão de Génova, tratou de pôr por escrito todas estas coisas ao senhor Rusticiano de Pisa, que estava preso no mesmo cárcere, corria o ano de 1298.

2

A sua partida de Constantinopla

Manda a verdade que se diga que, no tempo em que Balduíno era imperador de Constantinopla — foi no ano 1250 —, o senhor Nicolau Polo, pai do senhor Marco, e o seu irmão, o senhor Mateus Polo, nobres e avisados comerciantes, encontravam-se na cidade de Constantinopla vindos de Veneza, carregados de mercadorias. Falaram entre si e decidiram passar o mar Negro para fazer negócio, e, depois de terem comprado muitas pedras preciosas, embarcaram em Constantinopla e partiram em direção à Soldaia.

Depois de ali terem vivido durante algum tempo, decidiram ir mais longe. Puseram-se então a caminho

e tanto cavalgaram que chegaram à presença de Barca, rei e senhor de uma parte da Tartária, e que estava naquela altura em Bolgara. O rei recebeu com grandes honras o senhor Nicolau e o senhor Mateus e ficou muito satisfeito com a chegada deles. Os dois irmãos presentearam-no com joias, que possuíam em grande quantidade, e Barca aceitou-as de bom grado, apreciando-as muito, e presenteou-os com o dobro do valor das joias.

3

Após terem permanecido um ano nesta cidade, rebentou uma guerra entre Barca e Alau, senhor dos Tártaros do Levante. E um virou-se contra o outro, travando-se uma violenta batalha em que morreu uma turba de gente de parte a parte, mas, no fim, Alau saiu vencedor; devido às guerras, ninguém podia andar livremente pelos caminhos, arriscando-se a ser feito prisioneiro.

O dito Alau era oriundo daquela região de onde os dois irmãos tinham vindo, mas estes podiam seguir viagem e continuaram pelo caminho do Levante com as suas mercadorias, a fim de regressar a Constantinopla. Saídos de Bolgara, dirigiram-se a outra cidade, de nome Ucaca, nos confins do reino do Senhor do Poente. Daí partiram

e passaram o rio Volga e atravessaram um longo deserto durante dezoito dias, não encontrando nem uma habitação, mas apenas nómadas tártaros que viviam em tendas e se dedicavam à pastorícia.

4

Como se despediram do rei Barca

Após se terem deslocado para poente, ou seja, até ao deserto, chegaram à nobre e grande cidade de Bucara, que tinha por rei Barac. Uma vez ali chegados, os dois irmãos cedo se aperceberam de que não podiam avançar nem retroceder, e nela permaneceram três anos.

Acontece que, naqueles tempos, o senhor do Levante, Alau, mandou emissários ao Grande Cã. E foi com grande assombro que estes viram nessa cidade os dois irmãos, pois nunca tinham conhecido nenhum homem de raça latina; fizeram-lhes grande festa e perguntaram-lhes se queriam acompanhá-los à presença do Grande Cã, que ele os receberia com muitas honras, porque o grande senhor jamais vira um homem latino. Os dois irmãos responderam-lhe que teriam nisso todo o gosto.